

Sonho, morte e teoria: Freud 1918/1920

Tales Ab'Saber

A produção do conceito em psicanálise guarda sempre uma relação com a própria análise do analista. Como a noção de pulsão de morte se articula com as contingências que presidiram à sua criação?

“A vida é uma dança da morte.”

Der Dybuk, peça tradicional iídiche do séc. XVIII

Além do Princípio do Prazer

Antes de nos determos sobre um certo sonho de Freud, relativamente pouco conhecido e pouco estudado, é importante recuperarmos algumas das questões que constituem o mundo psicanalítico de *Além do Princípio do Prazer*. Estas noções também fazem parte da análise do sonho.

Um dos maiores ensinamentos do célebre trabalho de 1919/20 para a psicanálise dos tempos futuros é o

espantoso fato de que, a partir de um certo nível de experiências clínicas, culturais e pessoais do analista em sua própria análise, é possível mesmo *um a posteriori* conceitual que reorganize profundamente a própria matéria da reflexão que nos levou até aquele determinado nível simbólico, é possível de fato que se concluam modificações essenciais em toda a matéria da psica-

Tales A. M. Ab'Saber é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutorando em Psicologia Clínica pelo IPUSP

nálise, modificações de *princípio*, e não apenas na superfície do sistema. Foi este o nível metapsicológico em que Freud quis intervir, um além do princípio de toda a psicanálise pensada e construída até então, a evocação, nos espantosos anos 20, de um outro princípio para o psiquismo.

O ponto de chegada de mais de 25 anos de investigação em um campo permanentemente em expansão,

cípio do prazer, faz efeito sobre a linguagem, ou o ser do analista.

Podemos dizer que, se *Além do Princípio do Prazer* funda novamente a psicanálise, nele o pensamento não está livre de sua forma, e se faz em cada movimento específico do texto, que é complexo. Os movimentos, avanços e recuos permanentes e ambigüidades sustentadas do texto são mesmo a apresentação do próprio fazer-se do pensamen-

do mesmo o desprazer psíquico regulado pelo princípio automático do prazer -, já na segunda do texto ele estará às voltas com perturbadoras idéias a respeito dos limites desta ordem fundante de sua disciplina. Neste movimento de afirmar o conhecido de sua própria psicanálise e em seguida suspendê-lo por uma dúvida essencial, a meu ver, está indicado o princípio formal que organizará todo o texto, e que muito fala de sua matéria.

Freud retorna várias vezes no texto ao conhecido de si mesmo, - por exemplo na primeira seção ao reafirmar o lugar central do princípio do prazer ou em todo o início da terceira seção quando recapitula a história da evolução do trabalho com a transferência na clínica psicanalítica -, para permanentemente se lançar a um ponto em que toda a matéria freudiana ainda não era capaz de alcançar... Para além de si mesmo o texto pulsa constantemente entre repetir e criar.

Se não há operador técnico para a pulsão de morte apresentado no trabalho, como a transferência tornou-se para as pulsões sexuais, a nova noção vai surgindo dos mais variados pontos do sistema freudiano: da observação dos sonhos traumáticos a novas observações de bebês, dos efeitos da repetição na transferência aos problemas metapsicológicos da natureza da pulsão, até a mais radical especulação teórica sobre a relação entre vida, morte, incluindo a relação entre ser vivo e matéria... A emergência da pulsão de morte faz efeito, com suas idas e vindas, em toda a vida do seu pensamento.

Vejamos um pouco mais de perto como esta forma de *Além do Princípio do Prazer* se constitui. Recordemos o primeiro momento da criação, ao longo da segunda seção do texto. Temos ali um movimento estranho: Freud começa a pensar o fenômeno da repetição dos sonhos traumáticos, que trazem grande desprazer ao sonhador, repetindo

OS movimentos, avanços e recuos, as ambigüidades sustentadas no texto, são a apresentação do próprio fazer-se do pensamento, que tateia regiões em grande parte novas.

neste momento mágico, não é ampliação e o desdobramento do mesmo sistema conceitual, - o que continuou também a ser feito por Freud na maior precisão do complexo de Édipo e seu valor estrutural concebido no mesmo período, e na configuração da segunda tópica -, mas antes, o ponto de chegada é um retorno às origens que descreve a emergência de um novo princípio, de um *estranho* a todo o sistema, uma transmutação no interior da forma mesma de pensar, que se modifica em qualidade. A forma do texto fala muito deste novo pensar, uma vez que chegar ao inteiramente novo, o além (ou aquém) do prin-

to, que tateia regiões em grande parte novas, deixando presentes as hesitações de cada tentativa, pois em cada hesitação pode estar o êxito do conceito, embora ele não esteja em definitivo em nenhuma delas.

Por exemplo, se Freud abre o seu trabalho com uma afirmativa rememoração em termos *dogmáticos* dos fundamentos de sua psicanálise no mundo lógico organizado pelo princípio do prazer, - onde o princípio de realidade é um desenvolvimento dele no rumo da percepção, e os conflitos entre instâncias psíquicas tendem a granjear o prazer para uma delas, estan-

o impacto original com seu despertar atual. Lembra que “sofrer de reminiscências” é algo conhecido há muito na psicanálise, mas reconhece algo de estranho aqui, os sonhos que sistematicamente provocam desprazer e rompem com a função normal do sonhar, parecem colocar em xeque “a natureza realizadora de desejos dos sonhos”. Freud reafirma, ainda uma vez e sempre, que aquele que não levar em consideração a realização de

construções desejanter, lança as primeiras idéias na direção de algo além do desejo, além das forças das pulsões sexuais. As primeiras idéias, que como sabemos terão imensa repercussão posterior, pensam uma alteração nestes casos da função dos sonhos (seu estatuto psíquico portanto) e a possibilidade de tendências masoquistas do ego, até então desconhecidas. O pensamento pela primeira vez desloca-se do objeto conhecido, a própria psica-

psicanálise até então, ele suspende o trabalho... Isto é incomum para o velho fôlego ordenador e positivo do primeiro psicanalista. É assim que ele estará procedendo daqui para a frente no trabalho: criará uma linha de investigação que esboça um problema e, então, a suspenderá, para em seguida se lançar a outra... Linhas de força do pensamento, traços de trabalhos psíquicos que não serão coordenados de forma forte por uma articulação que os ligue e os tornem absolutamente necessários uns aos outros.

A ordem sintática rigorosa de seus trabalhos anteriores, onde os conceitos se articulavam necessariamente, criando a ordenação de um pensamento construtor, estará suspensa por estas linhas e blocos narrativos mais soltos de argumentação, cuja organização é essencialmente paratática, não subordinada nem subordinante. Freud cria um todo como somatória de problemas lançados em outra ordem, cria um solo de pensamentos e de questões múltiplas para um salto conceitual definitivo.

Há algo de muito novo nesta forma de escrever e de pensar de Freud: o problema que se anuncia, os novos termos a que a psicanálise ascenderá, não pode ser expresso pelas formas da coordenação e da lógica dedutiva mais forte que transformou Freud em um construtor de aparelhos e sistemas, onde os elementos e as forças em jogo tinham grande definição... A mecânica, a hidráulica e a dinâmica da física do século XIX que estavam no fundo de um princípio de pensamento construtivo e positivo com a própria alma começam a ensaiar o seu desaparecimento na psicanálise de Freud.

Com o novo princípio do psiquismo que se anuncia, a forma do pensar e do trabalho ganha muito em abstração, e a primeira manifestação do novo princípio que rege o pensamento é a própria estrutura do texto, não mais uma mecânica

Neste texto Freud criará uma linha de investigação que esboça um problema, e então o suspenderá, para se lançar a um outro... Linhas de força do pensamento, traços de trabalho psíquico não coordenados por uma articulação que os ligue.

desejos nos sonhos certamente os compreendeu mal, mas permite-se um primeiro movimento na direção de problemas que estariam fora deste território conhecido:

“Se não quisermos que os sonhos dos neuróticos traumáticos abalem nossa crença no teor realizador de desejos dos sonhos, teremos ainda aberta a nós uma saída: podemos argumentar que a função de sonhar, tal como muitas pessoas, nessa condição está perturbada e afastada de seus propósitos, ou podemos ser levados a refletir sobre as misteriosas tendências masoquistas do ego.”¹

Freud, vindo de sua própria visão originária dos sonhos como

nálise. Mas exatamente neste momento Freud se interrompe, e aí está o *estranho na forma de Além do Princípio do Prazer*. “Neste ponto, proponho abandonarmos o obscuro e melancólico tema da neurose traumática...”²

Como sabemos ele passará em seguida à importante análise do brincar do menininho de um ano e meio, mas este início de reflexão sobre os sonhos que podem estar fora de sua função, que é interrompida assim que se anuncia, não deixa de ser altamente significativo. Freud lança uma linha de investigação, a esboça, e assim que ela ganha corpo, e vai para além dos fundamentos que regem os sonhos e a

til, e o da encenação de situações desprazerosas na representação artística adulta, conclui: "Eles não têm utilidades para *nossos fins*, pois pressupõem a existência e a dominância do princípio do prazer; não fornecem provas do funcionamento de tendências *além do princípio do prazer*, ou seja, de tendências mais primitivas do que ele e dele independentes."⁵ Apenas neste momento já bastante avançado do texto, após recapitulações amplas dos

conceito na psicanálise freudiana.

Os passos (metapsicológicos) do texto levarão Freud à relação entre matéria e energia entrópica de toda ordem, incluindo mesmo o psiquismo, do efeito sobre a pulsão, também repetitiva, sempre afirmativa da anterioridade. A análise da matéria inorgânica

Haveria uma pregnância da matéria sob a forma da inércia, no espírito. A pulsão de morte seria a própria fala muda desta aderência à natureza da matéria.

princípios gerais da psicanálise, e várias digressões sobre as mais variadas matérias, Freud anuncia claramente o seu propósito: reconhecer o funcionamento de tendências além do princípio do prazer no psiquismo, autônomas, e, adiantando um aspecto que se explicará depois, anteriores ao trabalho do princípio psicanalítico original.

Para chegar a tal problema com relativa nitidez foram necessárias muitas mediações. Elas configuram o adensamento complexo da forma digressiva de *Além do Princípio do Prazer*, que fala mesmo de seu objeto. Este efeito formal, que marca a definição freudiana da pulsão de morte, é de grande importância, pois também vai marcar a posição do

organizativas da vida. Para Freud, estaria relacionada ao primitivo caráter da pulsão, caráter repetitivo, reconhecível, que é exatamente a matéria orgânica a ser perturbada, de forma pela vida. Podemos, neste ponto, a introdução do princípio transcendental da pulsional desejante desenvolvido da psicanálise. demos Freud: "Como uma tendência inorgânica, que a impede de uma condição que precisou ser abandonada. A tendência de forças psíquicas espécie de elasticidade"

definitivo da psicanálise. Terminou mesmo seu trabalho falando sobre a necessidade para a evolução de sua ciência de tolerar este grau necessário de incerteza. Incerteza que habita e faz mover a forma do pensar e do texto. Vejo aí algo da maturidade da disciplina neste início dos anos vinte: Freud passa a se pensar como um analista em trabalho, cujas reflexões não necessariamente são universais para todo o campo.

É possível dizer que o psicanalista Freud lança aqui seu pensamento na direção de *um para além do freudismo*. A psicanálise também pôde acompanhar este passo hermenêutico em direção ao aberto com que Freud dotou o seu próprio sistema, e a discussão da pulsão de morte permaneceu na história da disciplina como uma espécie de incógnita produtiva, que obriga sempre cada analista a se posicionar e cada um a reformulá-la. Esta é *uma função epistemológica do conceito* no interior da disciplina.

Assim, em um extremo da gama de possíveis diante deste novo momento do pensar freudiano, oferecido à psicanálise como um aberto, temos Winnicott, representando toda uma série de analistas que recusarão a pulsão de morte, seja teoricamente, seja em seu trabalho clínico cotidiano.⁹ Ao longo da gama de posicionamentos e variações sobre o mesmo tema, temos as várias re-inscrições e re-escrituras da pulsão de morte na grande maioria dos analistas. Para tomarmos dois exemplos: André Green vai pensar a pulsão de morte não como força de repetição ou agressiva contra o próprio psiquismo ou a vida, mas como a força demoníaca do desinvestimento, a desobjetualização, a retirada sistemática, nas suas mais variadas formas, das forças eróticas que podem investir o objeto, o mundo e mesmo o eu¹⁰; enquanto Françoise Dolto vai referir-se à pulsão de morte como pulsão de conservação da vida no corpo, a partir de um desprendimento do desejo e em

direção ao repouso total, algo que estaria presente mesmo nas experiências psíquicas do sono profundo ou das ausências epiléticas...¹¹ Na gama extrema desta presença sempre em questionamento da pulsão de morte na psicanálise, temos Freud e suas principais noções, que é também o ponto de partida de toda reflexão e toda a tradição kleiniana, - que inaugura o seu pensar

A discussão da pulsão de morte permaneceu como uma espécie de incógnita positiva, que obriga cada analista a se posicionar e reformulá-la.

e o seu mundo psicanalítico com a presença viva deste ponto avançado freudiano dos anos 20.

Podemos sintetizar o principal da sua reflexão sobre a pulsão de morte em três aspectos, como fez Hector Yankelevich: "Freud fornece três possibilidades em *Além do Princípio do Prazer*. Ou ela é a essência da pulsão em si, ou são as pulsões de conservação, isto é as antigas pulsões de conservação do eu, ou então ele destaca a tendência para a destruição e para o retorno ao inanimado. Ele define três sentidos diferentes, e estou repetindo Freud ao pé da letra. É por isso que a pulsão de morte é tão difícil de apreender em psicanálise em

função destas três significações."¹²

Noutra direção a revisão mais ampla da função do sonhar que aparece em um momento adiantado do texto faz parte dos desdobramentos metapsicológicos que o pensamento sobre a compulsão de repetição e a pulsão de morte têm. Esta passagem é de enorme importância e ainda espera desenvolvimento no campo psicanalítico dedicado ao estudo do texto freudiano: "Esse, então, pareceria ser o lugar para, pela primeira vez, admitir uma exceção à proposição de que os sonhos são realização de desejos (...) é impossível classificar como realizações de desejos os sonhos que estivemos debatendo e que ocorrem nas neuroses traumáticas, ou os sonhos tidos durante as psicanálises, os quais trazem à lembrança os traumas psíquicos da infância. Eles surgem antes em obediência à compulsão à repetição, embora seja verdade que na análise, essa compulsão é apoiada pelo desejo (incentivado pela sugestão) de conjurar o que foi esquecido e reprimido. Dessa maneira pareceria que a função dos sonhos que consiste em afastar quaisquer motivos que possam interromper o sono, através da realização de desejos dos impulsos perturbadores, não é sua função *original*. Não lhes seria possível desempenhar esta função até que a totalidade de vida mental houvesse aceito a dominância do princípio de prazer. Se existe um 'além do princípio do prazer' é coerente conceber que houve também uma época anterior em que o intuito dos sonhos não foi a realização de desejos. Isso não implicaria uma negação da sua função posterior, mas uma vez rompida a regra geral, surge uma outra questão. Não podem os sonhos que, com vistas à sujeição psíquica de impressões traumáticas, obedecem à compulsão à repetição, não podem esses sonhos, perguntamos, ocorrer fora da análise também? E a resposta só pode ser uma afirmativa decidida."¹³

Neste nível, sobre a matéria psíquica dos sonhos, experiência universal, as noções associadas à pulsão de morte passam a ter imenso impacto, porque mudam mesmo a posição do analista diante de sua matéria mais cotidiana, a via régia para o inconsciente. O sonho que não realiza desejo, mas repete experiências desprazerosas, na tenta-

primido.

Estes sonhos não operariam como falas do reprimido, mas como repetições do ainda não elaborado, ainda não pensado, *coisa em si psíquica* tentando ser dominada e rompendo o continente psíquico freudiano no mesmo movimento. Estas são idéias de imenso valor para uma clínica contemporânea do sonhar, e

mantém-se como dimensão problemática para a história e a vida conceitual de cada analista. Introduziu de forma afirmativa a incerteza no interior mesmo da forma do pensar psicanalítico. Mostrou que a psicanálise pode chegar a lugares inteiramente diferentes, e até mesmo em oposição aos territórios de origem, sem com isto necessariamente se negar ou destruir. Revelou os aspectos mais profundos da natureza epistemológica de nosso saber.

A pulsão de morte de Freud talvez seja o mais vivo de seus conceitos.

Um sonho de Freud: auto análise e pulsão de morte

No final de 1918, Freud teve um importante sonho. Uma boa parte do trabalho de auto análise realizado a partir deste sonho, já muito avançado no tempo da vida do primeiro psicanalista, nos é acessível hoje por um motivo que, em si, já tem um grande interesse: ele o acrescentou em 1919, juntamente com parte da análise, ao corpo de *A Interpretação dos Sonhos*. O livro, redigido nos anos da auto-análise originária de Freud, de 1897 a 1899, quase exclusivamente com sonhos deste período, ganhava, de forma muito coerente, um material que diz respeito à auto-análise que ocorria agora em 1918-19, cerca de vinte anos após sua primeira redação e os sonhos que compunham sua matéria mais íntima.

O sonho foi colocado precisamente no coração do capítulo VII do livro, tido como o mais importante do ponto de vista metapsicológico, capítulo trabalhado sistematicamente por todos os psicanalistas e estudiosos da obra de Freud desde então. Não deixa de causar estranheza o fato deste importante fragmento da auto-análise de Freud no início dos anos 20, colocada bem a vista de todos, no meio do texto

A emergência da pulsão de morte marcou a psicanálise com as forças mais amplas e abertas, operando uma reviravolta na sua própria estrutura conceitual. Talvez este seja o mais vivo de seus conceitos.

tiva de fazê-las ganhar elaboração, ganhar articulação com a vida mais ampla do psiquismo, é um sonho que, ao contrário de manter o sono, o rompe, como os sonhos das neuroses traumáticas mostram. É o sonho cuja estrutura é a do *fort-da*, mil vezes repetir na busca de controlar e transmutar a matéria psíquica que é ruptura, repetição pura, em presença erótica e desejante no psiquismo, o verdadeiro sonhar. Parece tratar-se mesmo de uma anti-matéria psíquica que, enquanto não for totalmente envolvida pelas pulsões eróticas, mantém-se como corpo estranho ao psiquismo, repetitivo não elaborado, que impede a expansão das forças vitais do desejo. Freud chegaria por si mesmo a um ponto de inteira reviravolta na teoria do sonhar, e portanto no cerne de toda sua metapsicologia anterior, a teoria do re-

estão absolutamente alinhadas com noções trazidas por Bion, já nos anos 60, a respeito da coisa em si, dos *elementos beta* que por definição não constituem sonho, e seu problema para o psiquismo, e a não constituição da experiência do sonhar por falhas no desenvolvimento emocional primitivo, como pensadas por Winnicott e Khan, ao longo dos anos 50 e 60.¹⁴

Para além da imensa repercussão metapsicológica de toda a coisa, a emergência da noção de pulsão de morte no trabalho freudiano marcou a psicanálise com as forças mais amplas e abertas da reviravolta na natureza mesma da estrutura conceitual que a pode mover. Neste sentido definiu um aberto, um conceito para o trabalho da psicanálise posterior, lançou o pensamento freudiano bem além das bases positivistas do século XIX, e

mais estudado de *A Interpretação dos Sonhos*, tenha passado, em geral, tão despercebida por todos nós. Certamente trata-se de um material que diz muito respeito a Freud, bem como, com o próprio “esquecimento”, ou “falta de atenção” dos psicanalistas, diz respeito também a algo da nossa própria percepção da psicanálise. O sonho ocuparia um espaço psíquico em nós regido por forças que não nos são de forma alguma diretamente acessíveis.

Ele aparece na seção C do capítulo VII, aquela que foi nomeada “Realização de Desejos”... Aparece exatamente como apêndice à discussão de Freud sobre a realização de

diurno de expectativas penosas, do dia anterior.”

Seguem-se então, em dois parágrafos, o sonho e aspectos de sua análise: “Começo indistinto. Disse a minha mulher que tinha uma notícia para ela, algo muito especial. Ela ficou assustada e se recusou a escutar. Garanti-lhe que, pelo contrário, era algo que ela ficaria muito contente em ouvir, e comecei a contar-lhe que o corpo de oficiais de nosso filho enviara uma soma em dinheiro (5.000 coroas?)... algo a respeito de uma distinção... distribuição... entretimentos, eu fora com ela até um quartinho, parecido com uma despensa, procurar alguma coisa. De

que usa dentes postiços?’ Antes que pudesse chamá-lo de novo, acordei, sem sentir angústia, mas com o coração batendo depressa.”¹⁵

Antes de prosseguir, com a análise que Freud pode trazer à luz do sonho, uma reflexão se impõe. O fato de Freud ter publicado este sonho de 1918 em sua *Interpretação dos Sonhos* onde todos os sonhos são do fim do século XIX, já faria com que este fosse um dos importantes sonhos para o conhecimento da relação entre desenvolvimento teórico e auto análise, agora referida ao início dos anos 20. Um sonho da estirpe do sonho da injeção de Irma, ou o da monografia botânica, entre outros... Mas a este sonho, diferentemente dos demais, Freud retorna ainda por pelo menos três vezes em sua obra, o que o distingue de maneira particular: dois anos após a sua inclusão em uma nota de rodapé em *A Interpretação dos Sonhos* ele reaparece no trabalho *Sonhos e Telepatia* de 1921, relatado com ligeiras diferenças e alguma omissão, em conjunto com o aspecto principal de sua análise; e, ainda uma vez, em 1930, Freud volta a debruçar-se sobre ele e, em uma nova revisão de *A Interpretação dos Sonhos*, o sonho e sua análise são retirados da nota de rodapé e inseridos no texto principal. Pareceu a Freud que ele deveria ter mais destaque do que a nota permitia...

No trabalho de 1921. Freud vai trazê-lo ao contexto do debate da negação de sonhos como premonição. O sonho surgiu para ele a partir de uma grande preocupação que o assaltou durante algumas semanas em outubro e novembro de 1918¹⁶, quando seu filho Martin ficou sem mandar notícias da frente em que lutava na primeira guerra mundial. Em 21 é importante o comentário interpretativo feito por Freud ao fim do relato do sonho:

“(Meu filho) Ficou de pé sobre algo semelhante a um banquinho, com um armário à sua frente, situa-

Não deixa de causar estranheza que o sonho de 1918, importante fragmento da auto-análise de Freud, tenha passado despercebido por todos nós, tanto mais que ele o menciona novamente em textos dos anos seguintes.

desejos de punição, desejos que, na luta das forças internas, pertenceriam ao ego, mais do que ao recalcado, naquela primeira formalização da psicanálise no início do século. Freud introduz o sonho como um fecho desta discussão, com as seguintes palavras, também escritas em 1919: “Relato agora um de meus próprios sonhos, para ilustrar o que acabo de dizer e, em particular a maneira como o trabalho do sonho lida com resto

repente, vi meu filho aparecer. Não estava de uniforme, mas num traje esportivo apertado (como uma foca?), com um bonezinho. Trepou num cesto que estava ao lado de um armário, como se quisesse por algo em cima dele. Pareceu-me que seu rosto ou sua testa estavam enfaixados. Ele estava acomodando alguma coisa na boca, empurrando algo para dentro dela. E seus cabelos estavam salpicados de grisalho. Pensei: ‘Será que ele está tão exausto assim? E será

ção sempre associada em meu espírito à idéia de 'cair', através de uma lembrança de minha própria infância. Menino de pouco mais de dois

notícia agradabilíssima para comunicar - qualquer coisa sobre dinheiro remetido... distinção... distribuição. (A soma em dinheiro derivava

pinista. Não estava de uniforme, mas usando um traje esportivo; isto significava que o local do acidente agora temido tinha sido tomado por um acidente *anterior*, ocorrido ao praticar esportes; é que ele sofrera uma queda durante uma excursão de esqui e quebrara o fêmur. A maneira como estava vestido, por outro lado, e que o fazia parecer uma foca, lembrou de imediato alguém mais jovem - nosso netinho engraçado; já o cabelo grisalho fez-me lembrar o pai dele, nosso genro, que fora duramente atingido pela guerra. Que significaria isso?... Mas já falei bastante a respeito. A localização numa despensa e o armário de onde ele queria tirar algo "sobre o qual queria pôr alguma coisa", no sonho - estas alusões fizeram-me lembrar inequivocamente de um acidente que eu mesmo me causei quando tinha mais de dois anos, mas ainda não chegara aos três. Eu havia trepado num tamborete na despensa para pegar alguma coisa boa que estava sobre um armário ou uma mesa. O tamborete virou e sua quina me atingiu por trás na mandíbula inferior; refleti que poderia muito bem ter perdido os dentes. Essa lembrança foi acompanhada por um pensamento admonitório: "é bem feito para você!"; e isso parecia ser um impulso hostil dirigido ao valente soldado. Uma análise mais profunda permitiu-me enfim descobrir que o impulso oculto poderia haver encontrado satisfação no temido acidente com meu filho: era a inveja que sentem dos jovens aqueles que envelheceram, e que estes acreditam ter sufocado por completo. E não há dúvida que foi precisamente a *intensidade* da emoção penosa que teria surgido se tal infortúnio houvesse realmente acontecido que levou esta emoção a buscar uma realização de desejo recalcada para assim encontrar algum consolo."¹⁸

A esta altura já deve ter ficado claro em que águas estamos navegando. Guerra, morte, desejo de

O sonho de 1918 parece mover-se em uma zona que o próprio Freud poderia considerar *além do princípio do prazer*, ligada a elementos traumáticos da sua infância.

anos de idade, eu subira num banquinho como aquele para apanhar algo de cima de um armário - provavelmente algo bom de comer -, caí e causei-me um ferimento que ainda hoje posso mostrar a cicatriz. Meu filho, contudo, a quem o sonho pronunciava como morto, voltou ileso para casa."¹⁷

Voltemos à análise que Freud trouxe à luz em 1919, logo em seguida à primeira descrição do sonho, que foi a seguinte:

"Mais uma vez, é impossível para mim apresentar uma análise completa. Tenho de restringir-me a ressaltar alguns pontos salientes. Foram as expectativas penosas do dia anterior que deram origem ao sonho: ficáramos outra vez, por mais de uma semana, sem notícias de nosso filho que estava na frente de batalha. É fácil perceber que o conteúdo do sonho expressava a convicção de que ele fora ferido ou morto. No início do sonho, fez-se claramente um esforço enérgico para substituir os pensamentos aflitivos por seu contrário. Eu tinha uma

de uma ocorrência agradável em minha clínica médica; foi uma tentativa de afastamento completo do assunto.) Mas esse esforço fracassou. Minha mulher desconfiou de algo terrível e se recusou a me escutar. Os disfarces eram tênues demais e as referências ao que se procurava recalcar ressaltavam neles por todos os lados. Se meu filho houvesse tombado morto, seus colegas de farda devolveriam seus pertences e eu teria de distribuir o que ele deixasse entre seus irmãos e outras pessoas. Frequentemente se confere uma "distinção" ao oficial que tomba no campo de batalha. Assim, o sonho pôs-se a dar expressão direta ao que primeiro procurava negar, embora a tendência para a realização de desejo ainda se mostrasse em ação nas distorções. Não sabemos dizer, é verdade, o que foi que deu ao sonho a força impulsora para assim expressar meus pensamentos aflitivos. Meu filho não apareceu como alguém que "caísse", mas como alguém que estava subindo. De fato, fora um entusiástico al-

Pela primeira vez o problema da relação entre morte e psiquismo, colocado violentamente em toda a cultura pela guerra, habitava o centro da reflexão psicanalítica - podemos pensar que a guerra trouxe a morte até Freud.

morte do filho, desejo de punição, o universo em que este sonho se criou, e do qual dá testemunho, indica problemas psíquicos dos mais difíceis, uma constelação bastante coerente com um certo caminho que a teorização freudiana tomaria já a partir de 1920. O sonho parece mover-se em grande parte de sua matéria em uma zona psíquica que o próprio Freud poderia considerar *além do princípio do prazer*. Vejamos algumas trilhas de questões que o sonho nos traz e que a própria obra freudiana pode ajudar a iluminar.

A primeira questão levantada pelo sonho é o desejo de que o filho Martin morresse na guerra. A própria guerra tem lugar central no sonho, e reaparece na cadeia associativa que leva Freud a recordar o genro, "muito castigado pela guerra". Na verdade, toda a Europa havia sido imensamente castigada pela guerra, e desde 1914 desorientou-se em seus mais altos ideais para ter que se haver com a desilusão, a destruição e a morte. Três anos antes deste sonho, em que a guerra tem lugar nas profundezas de sua alma, realizando seus próprios desejos de destruição, Freud apresentara a conferência "Reflexões

para os tempos de guerra e morte". Aquele pequeno trabalho de 1915 tem algo a ver, de meu ponto de vista, com os problemas colocados pelo sonho de 1918.

Lá Freud vai lamentar a extensão e a violência absolutamente bárbaras da guerra e seus efeitos psíquicos, perceber a imensa desilusão diante da fragilidade absoluta da civilização ocidental frente às suas próprias forças destrutivas, e com muita perplexidade, quase indicando uma exterioridade das forças de destruição e morte incompreensíveis ao seu sistema, vai explicá-las como um momento de falência das altas exigências repressivas e sublimatórias da civilização, em uma emergência da vida pulsional mais baixa que habitaria a todos. Os efeitos da guerra, mesmo sobre os não combatentes, eram imensos, na direção da confusão, da desilusão e da dor, enfim algo semelhante ao impacto de um trauma... "Não podemos deixar de sentir que jamais um evento destruiu tanto de precioso nos bens comuns da humanidade, confundiu tantas das inteligências mais lúcidas, ou degradou de forma tão completa o que existe de mais elevado."¹⁹

Freud não deixa dúvidas de que

algo ocorrido de fora para dentro, da cultura para o indivíduo, colocou os homens bruscamente em contato com toda a destruição possível e a experiência cotidiana da morte; algo havia mudado definitivamente na consciência européia, em seu narcisismo auto-centrado e um tanto onipotente. A realidade da morte vinha para o primeiro plano das indagações humanas, e no pequeno trabalho Freud vai tentar definir qual seria o lugar psíquico da morte que, naquele momento, ainda fundamentado na primeira teoria das pulsões, "não existiria para o inconsciente". O inconsciente seria sempre desejante, sexualmente pulsional, afirmativo e sempre positivo em sua busca permanente do objeto; a noção de morte só poderia ser uma conquista posterior e árdua do processo psíquico secundário.

Pela primeira vez, o problema da relação entre morte e psiquismo, colocado violentamente em toda a cultura pela maior e mais violenta guerra jamais vista até então, habitava o centro da reflexão psicanalítica. De certa forma, podemos pensar que a guerra trouxe a morte para Freud. Ainda em janeiro de 1918, em carta a Abraham ele escrevia: "Se a guerra se demorar ainda, matará a todos, indiscriminadamente, de uma maneira ou de outra". Este é um dos panos de fundo importantes do sonho.

Nesta emergência real da morte, e seu impacto confusional na vida mesma do primeiro psicanalista, algumas passagens do texto de 1915 não deixam de ter interessantes ecos no destino posterior da obra freudiana... Principalmente aquela em que a guerra "esmaga com fúria cega tudo que surge em seu caminho, como se, após o seu término, não mais fosse haver nem futuro nem paz entre os homens. Corta todos os laços comuns entre os povos contendores, e ameaça deixar um legado de exacerbação que tornará impossível, durante

Se os principais sonhos da primeira análise levaram Freud ao Édipo, o da análise de 1918 o leva diretamente à concepção da pulsão de morte, uma força autônoma de destruição vigente no psiquismo.

muito tempo, qualquer renovação desses laços.”²⁰

O ataque aos laços de união eróticos, internos e realizados externamente, a tendência ao nada, à paz dos cemitérios, que já não mais admitiria um depois, um trabalho psíquico posterior, emergiam aqui como uma aparição catastrófica, cuja percepção desorientava e confundia... Uma força estranha ao sistema freudiano, bem como a toda possibilidade civilizatória.

Há algo também da natureza desta força no sonho de 1918, sonhado no mesmo contexto histórico da vida de Freud. O psicanalista parece perplexo por um momento frente à clara afirmação de seu desejo de morte do próprio filho, que o sonho pouco se empenhara em deformar. “Assim, o sonho pôs-se a dar expressão direta ao que primeiro procurara negar, embora a tendência para a realização de desejo ainda se mostrasse em ação nas distorções. Não sabemos dizer, é verdade, o que foi que deu ao sonho a força impulsora para assim expressar meus pensamentos aflitivos.”

Parece haver forças afirmativas na direção do desejo de morte, que não se confundiam inteiramente com a tendência à realização de desejos expressa na distorção do

material, mas se afirmavam quase diretamente. Neste momento, Freud não sabe o que deu ao sonho esta força propulsora; já em 1920 teria toda uma teoria exatamente sobre estes aspectos demoníacos, não submetidos ao princípio do prazer, de alguns possíveis sonhos.

O próprio desdobramento final da análise, o desejo de morte do filho por inveja que aqueles que envelhecem têm dos mais jovens, fala de uma força de destruição no psiquismo, disparada pelo afeto da inveja, que parece não ter a ver com os movimentos regressivos de realização de desejos infantis, regulados pelo complexo de Édipo. Aqui um momento existencial específico do percurso humano, o envelhecimento, tem força para mobilizar desejos inconscientes, que estariam diretamente referidos a este momento avançado da história da alma. Como isto seria possível? Porque as forças destrutivas do psiquismo passam a ter autonomia em relação à constelação das pulsões desejantes, aparecendo diretamente evocadas, a partir de qualquer momento do percurso humano. Assim elas aparecem neste sonho de Freud.

A segunda parte da análise do sonho, a que faz a ligação do filho morto com a situação infantil de queda de Freud é extremamente

sugestiva e nos remete a um nível mais profundo de sua auto-análise, e a uma trama de referências de sua alma que vão muito longe.

Para iniciar uma aproximação, creio que o netinho engraçado que aparece na cadeia de associações, ligando o filho ao pequeno Freud, e lembrando o genro castigado pela guerra, é a mesma criança cujo brincar movera Freud a algumas das indagações de *Além do Princípio do Prazer*, onde, em uma nota de rodapé, Freud comenta a reação do bebê à partida do pai para a guerra... Há repetições aqui já muito essenciais, onde Freud, por um momento, se identifica com o pequeno netinho, e no tempo das suas formulações sobre a pulsão de morte vai estar muito atento a ele, em seus sonhos, e em suas reflexões teóricas.

A cena infantil que emerge na análise me parece ser mesmo o coração de toda esta história. Freud, com menos de dois anos, sobe em uma banqueta para pegar algo bom e pôr na boca, escorrega e cai, a banqueta vira-se de tal forma que ele bate o queixo em sua quina, produzindo um ferimento muito violento, que poderia ter-lhe feito perder os dentes, machucado grave que o obrigou a levar alguns pontos, e do qual carregou a cicatriz pelo resto da vida. Nas duas análises do sonho, a de 1918 e a de 1921, Freud declara enfaticamente que “eu mesmo me causei o ferimento”. Na primeira refere-se a um aspecto de punição ligado à lembrança: “É bem feito para você.”

Vemos nitidamente como, nos pensamentos latentes do sonho de Freud, uma pulsão originalmente sexual do menininho Freud, ativa para a realização de um desejo, colocar algo bom de comer na boca, é substituída por uma espécie de pulsão masoquista, que pune com o dilaceramento e o sangue, enfim a destruição, pune talvez o desejo pulsional erótico, e goza com o próprio auto-ataque. Freud é muito cla-

ro aqui ao dizer que foi esta força pulsional muito primitiva que foi projetada como satisfação pela morte do filho, “refleti que poderia muito bem ter perdido os dentes. Essa lembrança foi acompanhada por um pensamento admonitório: “é bem feito para você”; e isso parecia ser um impulso hostil dirigido ao valente soldado.”

Estamos no coração dos problemas enfrentados teoricamente por Freud, - não na *Interpretação dos Sonhos* -, mas no ano seguinte ao sonho, em *Além do Princípio do Prazer*. Começamos a poder entender o sentido deste sonho retornante de Freud, que aparece por mais duas vezes nos anos que se seguiriam, e que talvez tenha aparecido em sua alma muitas mais vezes do que possamos imaginar. Como os sonhos, que não são realização de desejo das pulsões sexuais, e que retornam, discutidos em *Além do Princípio do Prazer*.

James Strachey nos indicou a pista, se não de uma outra aparição em Freud deste sonho, certamente da mesma cena infantil que ele evocou. Em uma nota de rodapé colocada junto à análise do sonho, comenta que a cena já aparecera anteriormente no material latente de outro sonho de Freud, este fazendo parte dos sonhos da análise original, sonhado em algum momento de 1897. Trata-se de um pequeno sonho relatado apenas pelo interesse em um detalhe, a presença de lembranças infantis, e que aparece logo nas páginas iniciais do livro, no capítulo dedicado a literatura científica sobre os sonhos. Um dos primeiros sonhos de Freud trazidos no livro, o primeiro a ser acompanhado de alguma análise.

Trata-se do sonho com o médico de sua cidade natal: “Sonhei com alguém que, no sonho, eu sabia ser o médico de minha cidade natal. Seu rosto era indistinto, mas se confundia com a imagem de um dos professores de minha escola secundária, com quem ainda me encontro

ocasionalmente. Quando acordei não conseguia descobrir que ligação havia entre estes dois homens. Entretanto fiz a minha mãe algumas perguntas sobre este médico que remontava aos primeiros anos de minha infância, e soube que ele tinha apenas um olho. O professor cuja fisionomia se sobrepusera à do médico também só tinha uma vista.

Uma pulsão sexual é substituída por uma pulsão masoquista, que pune o desejo e goza com o auto-ataque.

Fazia trinta e oito anos que eu vira o médico pela última vez e, ao que eu saiba, nunca pensara nele em minha vida de vigília, embora uma cicatriz em meu queixo pudesse ter-me feito recordar suas atenções para comigo.”²¹

Vemos que a cena da queda do corte e da cicatriz realmente pulsa no inconsciente freudiano. Vinte anos antes dela reaparecer como pensamento latente no sonho de 1918 ela já fazia parte da auto-análise de Freud, que, como cena emblemática de uma das primeiras lembranças de Freud, que coincide com a punição ao desejo proibido e a descoberta do masoquismo, deve tê-lo acompanhado por toda

sua existência. A hostilidade contra o próprio corpo, indicada no acidente que Freud sabe ter se causado, - no sonho de 1918 projetada contra o filho -, aqui neste sonho parecia estar associada à figura do médico.

Pelo menos é algo assim que Freud comunica a Fliess a respeito deste sonho, nada mais nada menos do que na *carta 71*: “Também andei indagando a respeito do médico que tínhamos em Freiberg, porque um sonho mostrou uma grande dose de ressentimento contra ele. Na análise da figura existente no sonho, detrás da qual ele estava oculto, pensei também no professor Von K., que foi meu professor de história na escola. Ele não parecia encaixar-se absolutamente no caso, de vez que minhas relações com ele eram indiferentes, ou melhor, agradáveis. Minha mãe me contou que o médico de minha infância tinha um olho só, e dentre todos os meus professores da escola, também o Professor K. era o único que tinha este mesmo defeito.”²²

No coração da auto análise, muito próximo à descoberta da universalidade do Édipo anunciada na mesma *carta 71*, temos a presença de um sonho que relembra a hostilidade de Freud para com o médico que cuidou de seu violento corte, um sonho que faz pulsar na alma de Freud todo um material ligado à agressividade e às forças de auto-destruição, o mesmo material psíquico que em um momento muito avançado da auto-análise, já na porta dos anos vinte, estaria no fundo da nova conceitualização da pulsão de morte, se estivermos certos em nossa hipótese. Se os primeiros sonhos da primeira análise levaram Freud ao Édipo, o da análise de 1918 o leva diretamente à concepção da pulsão de morte.

Por outro lado, o tema do médico cego, a quem está associado grande ressentimento, que é intimamente ligado a esta cena infantil do psiquismo de Freud, nos remete também a toda uma outra série de

É o desejo em geral, sob a forma mais indeterminada, que aparece como o perigo maior, capaz de acarretar um castigo terrível como a "perda de todos os dentes."

associações e material onírico de Freud que se desenvolve ao longo de todo o livro dos sonhos. Os médicos cegos para a psicanálise, os médicos defeituosos em seu saber científico, aos quais também Freud reservou uma grande carga de ressentimento, são um dos temas mais importantes e mais repetidos de todo o livro. O importante tema dos olhos, abertos, fechados, e mortíferos é outro que terá grandes desenvolvimentos posteriores.²³

Podemos lembrar o sonho *Non vixit* (não viveu) por exemplo, onde Freud fulmina com o olhar o amigo P. (que já havia morrido quando Freud teve o sonho), que enquanto é fulminado vai ficando com os olhos azuis profundos... As associações levam Freud a certa ocorrência onde ele fora fulminado pelos "terríveis olhos azuis" do mestre Brücke, devido aos constantes atrasos de Freud para o trabalho no seu laboratório. No sonho, os olhos mortíferos que fulminam são de Freud, que ocupa o lugar e a potência do pai Brücke, e o amigo P. ganha os olhos azuis do mestre, indicando o desejo de Freud fulminar ao próprio Brücke. Enfim uma usurpação completa do lugar paterno, movida pelo poder de destruição do olhar.

Os mesmos problemas, envol-

vendo o olhar, o desejo de morte, e a agressividade, em uma relação muito íntima estão presentes no sonho da placa "Favor fechar os olhos", ou "Favor fechar *um* olho", que Freud teve na noite anterior ao enterro de seu pai, e no importante sonho do "conde Thun", cuja cena final Freud relatou assim:

"Eu estava de novo em frente à estação, mas desta vez na companhia de um cavalheiro idoso. Pensei num plano para permanecer incógnito, e então vi que este plano já fora posto em prática. Era como se pensar e experimentar fossem uma coisa só. Ele parecia ser cego, pelo menos de um olho, e eu lhe entreguei um urinol de vidro para homens (que tivemos que comprar ou tínhamos comprado na cidade). Logo, eu era enfermeiro e tinha que dar-lhe o urinol porque ele era cego. Se o condutor nos visse assim decerto nos deixaria sair sem reparar em nós. Aqui a atitude do homem e de seu pênis urinando apareceram em forma plástica."²⁴

As associações de Freud a respeito deste sonho levam-no a duas cenas, uma de quando tinha *dois ou três anos* e urinou na cama e para consolar o pai prometeu-lhe comprar uma linda cama nova, e outra aos seis ou sete anos, quando molhou a cama dos pais, e então ou-

viu de seu pai Jakob a terrível frase "este menino nunca fará nada que preste".

Nos dois sonhos, bem como no sonho com o médico da cidade natal, encontramos *um olho cego*, ou *um olho fechado*. Sabemos que estes sonhos, descritos em *A Interpretação dos Sonhos*, dizem respeito à constelação de desejos agressivos de Freud em relação a seu pai, com a correlata angústia de castração, também expressa nos olhos cegos, como os de Édipo. O próprio pai de Freud sofreu na velhice de um glaucoma unilateral.

O sonho com o médico da infância, cego de um olho, encaixa-se portanto nesta constelação de sonhos edípicos em que o embate com o pai se dava através do olhar, e de possuir ou não um olho. Um tema das profundezas da alma de Freud. Mas o sonho do médico cego de um olho também remete à cena do dilaceramento do próprio queixo de Freud, "um ferimento que ele mesmo produziu".

As forças auto-destrutivas reconhecidas nesta cena, a inversão das pulsões eróticas em pulsões masoquistas, a irrupção da violência contra o próprio corpo, em seguida projetada contra o médico, pode ser uma cena primitiva correlata à angústia de castração, antes que as forças eróticas que levam ao amor e à ambivalência edípica, e seu desejo de objeto, tenham controlado as pulsões de auto-destruição do pequeno menino. O destino destas pulsões agressivas projetadas sobre o médico seria o de serem capturadas pela constelação desejante edípica, e o dilaceramento inicial, auto-destrutivo e projetado, viria a ser subsumido no complexo de castração, na luta agressiva com um objeto de amor e de identificação, até a sua superação por um novo patamar psíquico.

A cena infantil do dilaceramento do queixo, que deixou uma cicatriz para o resto da vida em Freud, deixou também uma cicatriz psíquica.

ca. O olho cego do médico que o curou reaparece em vários sonhos de confronto com a figura paterna, em uma luta em que se busca definir quem é o castrado ou, em um ponto de intersecção possível, pede-se fechar *um olho*... Por outra via, a repetição no pensamento latente de sonhos da cena infantil da queda e do machucado parece falar da força retornante do desprazer, ligada como Freud pensaria em seguida ao princípio transcendental de repetição da pulsão de morte. Trataria-se da matéria psíquica retornante não regida pelo princípio do prazer do próprio Freud, o sonho de seu trauma, a apresentação de sua pulsão de morte, - sempre conectada à dança das pulsões eróticas, aqui disfarçando a matéria psíquica de origem na ansiedade edípica que a capturou.

Não deixa de ser altamente sugestivo, neste contexto, que tenha sido um câncer na *mandíbula*, exatamente no local da cicatriz originária que sempre é aberta em sonhos, que tenha levado Freud finalmente à morte. Creio que é esta "estranha coincidência" da emergência da morte real em meio ao material psíquico de Freud que tenha feito com que os analistas cuidadosamente fechassem os olhos para o sonho de 1918. Em todos os trabalhos clássicos sobre a vida e a auto-análise de Freud que consultei nada pude encontrar a respeito do sonho de 1918; apenas Monique Schneider, - e também Viviane Forrester, a quem ela cita -, em um importante trabalho sobre *A Interpretação dos Sonhos*, e com seu próprio método, entendeu o sentido deste sonho rigorosamente na mesma direção apresentada aqui, e, em suas palavras sobre ele: "É o desejo em geral, sobre a forma mais indeterminada, que aparece como o perigo maior, arriscado de acarretar um castigo exemplar. Castigo que golpeará o órgão culpado, o lugar mesmo do desejo e do gozo esperado: a boca. Boca que, por procuração ou de ma-

neira mais direta, não terminará jamais de expiar." Monique Schneider somente não operou a conexão e o profundo enraizamento histórico deste sonho com o pensamento freudiano do início dos anos 20, deixando escapar a sua data.

Por outro lado, Freud nos mostrou com seu movimento de coragem com a própria alma, que a análise permanente de si mesmo, a mais verdadeira possível, lhe permitiu chegar a traduzir estas forças puras do destino em elementos simbólicos. Se a vida inteira ele sentiu a força da morte no gesto de ter-se provocado o próprio dilaceramento, na queda aos dois anos, ele sempre buscou analisá-la, elevando-a em um primeiro momento para o patamar edípico, transformando-a em angústia de castração, e em um segundo, já muito mais acossado pela velhice e pela profunda consciência das próprias forças destrutivas, à noção avançada de pulsão de morte. Este é mesmo o desenho da própria evolução teórica freudiana.

A pulsão de morte é assim um conceito profundamente enraizado e coerente com o psiquismo de Freud, e que certamente o ajudou a sobreviver. Apesar do câncer ter feito definitivamente retornar as operações sobre o queixo dilacerado de Freud, algo sonhado em sonhos demoníacos, Freud morreu à sua maneira aos oitenta e três anos, lúcido e produtivo.

NOTAS

1. S. Freud, *op. cit.*, p. 25.
2. S. Freud, *op. cit.*, p. 25.
3. S. Freud, *op. cit.*, p. 27.
4. S. Freud, *op. cit.*, p. 29.
5. S. Freud, *op. cit.*, p. 29.
6. Esta é a forma de Renato Mezan compreender o problema, que rompe a noção de linearidade e causalidade temporal da consciência: "A repetição é, muito precisamente, a condição de possibilidade da pulsão, aquilo sem o qual ela não poderia se reproduzir uma vez extinto o seu ímpeto inicial, por descarga ou por outra via qualquer, por exemplo a sublimação. (...) [*Trata-se*] da fundação

transcendental de um fenômeno por um princípio." Em *Freud: A Trama dos Conceitos*, São Paulo, Perspectiva, 1982, p.259.

7. S. Freud, *op. cit.*, p. 53-54. Nesta passagem utilizo a tradução de Renato Mezan da Standard Inglesa de Freud, em Mezan, *op. cit.*, p.258.
8. Penso aqui no profundo impacto, principalmente no registro de suas teorias da cultura, de Freud sobre Horkheimer e Adorno, filósofos da dialética sem síntese, dita negativa, produto do século XX.
9. Luiz Roberto Monzani nos dá uma pequena síntese de alguns autores psicanalíticos que rejeitaram a pulsão de morte freudiana em *Freud, o movimento de um pensamento*, São Paulo, Editora da Unicamp, 1989, p.149. Sobre Winnicott podemos lembrar, por exemplo: "Para mim não tem utilidade unirmos a palavra morte com a palavra instinto, e ainda menos se referir a ódio e raiva pelo uso das palavras instinto de morte. É difícil se chegar às raízes da agressão, mas não nos auxilia o uso de opostos como vida e morte, que nada significam no estágio de imaturidade que está em consideração." Em *O Ambiente e os Processos de Maturação*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990, p.173.
10. A. Green, "Pulsão de Morte, Narcisismo Negativo e Função Desobjetalizante" em *A Pulsão de Morte*, São Paulo, Escuta, 1988, p. 57.
11. Diz Dolto: "A pulsão de morte de modo algum é libidinal, ela é a pulsão da conservação da vida no corpo, no sono profundo e nas ausências epilépticas, por exemplo. É justamente o sujeito na inércia de sua identificação com o objeto-parcial-corpo." Em *Fim de Uma Análise, Finalidade da Análise*, Org. de Alain Didier-Weil, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 133.
12. A. Didier-Weil, *op. cit.*, p.133.
13. S. Freud, *op. cit.*, p. 48.
14. Sobre Bion ver *O Aprender com a Experiência*, Rio de Janeiro, Imago, 1991. Winnicott tem estas noções espalhadas por toda sua obra, mas é possível vermos com nitidez a ruptura e a reconstituição de sonhos em *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*, Imago, 1984, e no artigo "Sonhar, Fantasiar, Viver", de *O Brincar e a Realidade*, Imago, 1975. Masud Khan desenvolveu o problema em "Uso e abuso do sonho na experiência psíquica", em *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.
15. S. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, Standard Brasileira Vol. V, Rio de Janeiro, Imago, 1980, p.510.
16. Ver E. Jones, *Vida e Obra de Sigmund Freud*, Vol. II, Rio de Janeiro, Zahar, 1970, p. 532; ver também P. Gay, *Freud uma vida para o nosso tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.350.
17. S. Freud, "Sonhos e Telepatia", Standard Brasileira Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1980, p. 240.
18. S. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, *op. cit.*, p.510.
19. S. Freud, "Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte", Standard Brasileira, Vol. XIV, p. 311.
20. S. Freud, *op. cit.*, p. 315.
21. S. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, Standard Brasileira, Vol. IV, p.53.
22. S. Freud, "Carta 71", Standard Brasileira, Vol. I, p.363.
23. O que segue já foi amplamente trabalhado por Renato Mezan, a quem sigo os passos daqui para a frente. Ver Mezan "A Medusa e o Telescópio ou Vergasse 19", em *O Olhar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 448. Por sua vez, Mezan trabalhou o tema do olho vazado e das ansiedades de castração de Freud em relação ao seu próprio pai a partir do trabalho de Conrad Stein "La Paternité" e de Monique Schneider *Père, ne vois-tu pas...?*
24. S. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, Standard Brasileira Vol. IV, p. 214.
25. Me refiro às biografias de Jones, Schur e Gay, e aos trabalhos sobre a auto-análise e o desenvolvimento teórico freudiano de Octave Mannoni, Didier Anzieu e Renato Mezan.
26. M. Schneider *Père, ne vois-tu pas...?*, Paris, Denoël, 1985, p.118.